



IV Encontro da Rede de Estudos Rurais  
**Mundo rural, políticas públicas, instituições e atores em reconhecimento político.**

06 a 09 de julho de 2010

Curitiba - Paraná

**GT 07 - Cultura e comunicação no mundo rural**

**Imaginários e significados das festas camponesas: olhares urbanos e rurais**

Josiane Carine Wedig – Licenciada e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Mestre em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Endereço: Rua. Baronesa do Gravataí, 113, apartamento 4, Bairro: Cidade Baixa, Porto Alegre, RS. Cep:90160070. E-mail: josi\_wedig@yahoo.com.br

Mariana Oliveira Ramos – Formada em Nutrição pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Mestre em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: mariana\_avati@yahoo.com.br

Renata Menasche – Doutora em Antropologia Social. Professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), vinculada ao Bacharelado em Antropologia e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais; Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS).

E-mail: renata.menasche@pq.cnpq.br

**Resumo:**

Podemos notar estar em curso um movimento crescente de valorização do rural, ou seja, a busca por um rural idealizado, por suas tradições, paisagens, história, alimentos *naturais*. Esses aspectos podem ser observados na medida em que a população urbana procura, cada vez mais, alimentos de qualidade, moradia para os finais de semana, turismo e também as festas rurais. Temos observado esse movimento em nossas pesquisas junto a camponeses e citadinos, em diferentes regiões do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Maquiné e Vale do Taquari). Neste trabalho, focaremos o olhar sobre o processo de idealização do rural a partir das festas, buscando identificar quais são as representações de agricultores e citadinos sobre as mesmas, ao mesmo tempo em que observamos permanências e mudanças que se operam nas festas e estão associadas a transformações mais profundas nas relações entre o rural e o urbano.

**Introdução**

Neste estudo buscamos refletir acerca de um movimento crescente, que tem ocorrido nos últimos anos, de valorização do rural por parte da população urbana, ao mesmo tempo em que procuramos apreender as configurações que vão tomando as representações da população rural a partir desse movimento.

No contexto de nossas pesquisas, essa idealização dá-se a partir da valorização explícita, por citadinos e agricultores, do modo de vida no campo, percebido enquanto um lugar de bem-

viver, de bem comer, de calma e tranquilidade. Nos últimos anos, o espaço rural, suas tradições e identidades, vêm sendo reconhecidos pela população urbana, o que é evidenciado em nossos contextos de pesquisa, explicitando-se a partir da instalação de casas para passar finais de semana, da circulação de carros, trazendo pessoas que vêm da cidade especialmente para comprar alimentos e celebrar as festas rurais, entre outros.

Comida caseira, produtos artesanais e festas tradicionais, entre outros elementos de um passado agora admirado e desejado, têm sido demandados por turistas e visitantes. Nesse processo, práticas e tradições antigas são atualizadas, voltando a fazer parte de contextos rurais, ressignificadas e reelaboradas, remetendo à memória do passado. Interessa-nos aqui refletir sobre como ocorre a reinvenção de práticas, identidades e tradições, consumo de bens e, ao mesmo tempo, as reconfigurações das fronteiras entre o rural e o urbano a partir da atualização desses processos.

### **Vivências e olhares do rural idealizado**

Para a construção desta reflexão acerca do processo recente de valorização do rural (de suas tradições, paisagens, produtos, festas, entre outros) por parte de indivíduos oriundos da cidade, nos voltamos a estudos que têm observado essa dinâmica em diferentes contextos (Champagne, 1977; Carneiro, 1998; Cristóvão, 2002; Menasche, 2009). Estes estudos têm demonstrado que entre a população urbana há os que buscam no rural espaços e produtos capazes de os (re)conectar com um estado de *pureza*, de autenticidade e de vida *natural*, aparentemente perdidos nas urbes mas resguardados no espaço rural. A demanda desse segmento urbano caracteriza o que Champagne (1977) denominou de “moda do antigo”, cujo movimento provém, conforme Menasche (2009), da construção da imagem de um “rural idealizado”.

Cabe ressaltar que esse movimento de (re)valorização do rural é um contraponto recente ao que se consolidou a partir da difusão da agricultura moderna, quando saberes e práticas de camponeses foram estigmatizados e entendidos como símbolos de atraso e fadados ao desaparecimento, em não seguindo o processo de modernização, difundido por governos, meios de comunicação, mediadores, entre outros. Esses processos, associados a forte desprestígio e estigma dos modos de vida rurais, concorreram para um intenso êxodo rural.

Uma referência interessante sobre a mudança de percepções sobre o rural (agora positivado) é o estudo de Champagne (1977), no contexto de uma comunidade rural francesa. O autor aponta, na França do final dos anos 1970, um movimento inverso àquele ali observado nos anos 1950, quando – no momento em que tudo o que tinha ligação com o modo de vida camponês era considerado arcaico – os camponeses desfizeram-se, por exemplo, dos antigos móveis de família, de madeira, adquirindo móveis de fórmica, símbolo então, a seus olhos, de “modernidade”.

Champagne observa, no período mais recente, uma reviravolta nos valores dominantes, já que os móveis de estilo rústico voltam à cena com valor decorativo: os móveis dos ancestrais passam a ter um valor afetivo (são os móveis da família) e um valor simbólico, agora positivado. O autor evidencia um movimento de valorização do passado, da natureza, da agricultura tradicional, isso como contraponto ao avanço da civilização urbano-industrial.



Figura 1- Comida caseira preparada para o Filó do Jacarezinho.

Esse movimento de valorização do rural foi também salientado por Menasche (2004) com relação às escolhas alimentares. Em pesquisa junto a moradores de Porto Alegre, a autora observou que, frente à desconfiança expressa por consumidores com relação a alimentos industrializados, percebidos como excessivamente manuseados e, ainda, provenientes de lugares distantes, o *natural* e o *rural* seriam identificados como autênticos, o que estaria associado a uma busca, por moradores da cidade, por produtos vegetais e animais locais, regionais e produtos artesanais. Como salienta a autora, “a ruralidade, mais que qualquer outro atributo, parece condensar todas as vantagens que distinguem o alimento desejável do alimento industrializado.” (Menasche, 2004, p. 122)

Deste modo, podemos apreender que ocorre atualmente um movimento de busca do rural por parte de segmentos urbanos e, ao mesmo tempo, uma (re) significação do rural por parte da própria população rural, como apontado por Menasche (2009, p.9)

Poderíamos sugerir que temos (...) situações em que, ao ressignificar positivamente, entre aqueles que vivem no campo, práticas e identidades até pouco estigmatizadas, ou seja, ao demandar um rural idealizado, consumidores urbanos estariam contribuindo para uma reinvenção dessas práticas, identidades e tradições.

A valorização recente por moradores da cidade dos atributos rurais implica, assim, também em novos significados atribuídos pelos moradores do campo a respeito de seus modos de vida. Contudo, vale mencionar que antes desse processo, era possível observar um tipo de valorização do rural por parte desses que ali habitam. Na comunidade<sup>1</sup> de Fazenda Lohmann (Vale do Taquari), por exemplo, os agricultores narram que durante o processo de industrialização e modernização do campo, a maior parte das famílias rurais adquiriu máquinas e implementos agrícolas, adaptando seus sistemas de produção, estabelecendo parcerias com agroindústrias na produção de porcos, aves, leite, entre outros. Na adesão às novas tecnologias, os agricultores viram-se compelidos a adequar-se aos padrões produtivos urbano-industriais, estabelecidos pelas agroindústrias. No entanto, o que aqui interessa notar é que, ao mesmo tempo, elementos do “modo de vida rural” eram reafirmados, como, por exemplo, a manutenção das práticas produtivas tradicionais na produção de alimentos,

especialmente na criação de porcos e galinhas destinados ao autoconsumo da família, parentes e vizinhos.

A partir desse exemplo, centrado na alimentação das famílias rurais, podemos sugerir que, em momentos em que seu modo de vida era estigmatizado e desvalorizado em detrimento do ideal “moderno”, os camponeses, ainda que de forma não explícita, permaneceram valorando positivamente sua alimentação, o que não se deu sem contradições, uma vez que, ao mesmo tempo, também os alimentos industrializados eram positivamente valorizados.

Por outro lado, podemos, em alguma medida, observar que o atual movimento de valorização do rural por parte dos citadinos está relacionado aos elementos do modo de vida rural que, ainda que timidamente, continuaram a coexistir com a modernização da agricultura, que se pretendia homogenizadora. Hoje, a valorização observável do rural é explícita: através do turismo rural, na realização de festas e busca de alimentos de origem rural por parte dos citadinos, num movimento de valorização do rural que se intensifica no meio urbano e que também pode ser observado entre as agricultoras e agricultores, que identificam o rural como lugar de bem-viver.

Desse modo, temos que comidas caseiras, produtos artesanais, festas tradicionais, entre outros elementos de um passado agora admirado e desejado, têm sido demandados por turistas, visitantes e parentes que moram em espaços urbanos. Nesse processo passam a ser revividas e reordenadas práticas e representações tradicionais que em alguns contextos rurais já haviam quase desaparecido.

Buscamos refletir sobre essa reinvenção de práticas, identidades e tradições, bem como sobre os significados atribuídos a eles pelas famílias rurais e por citadinos, tomando como foco de observação as festas rurais.

### **As festas e seus significados simbólicos**

Neste estudo, centramos nosso olhar nas festas, por compreendermos que elas apresentam-se como tempos e espaços privilegiados de demonstração de valores dos grupos que as realizam. As festas podem ser compreendidas como atos simbólicos que falam da organização social de um grupo e, ao mesmo tempo, falam de sua sociabilidade.

Mesmo entendendo que as festas constituem-se como momentos não-cotidianos, elas podem expressar os valores ali encontrados, pois, como nos ensina Peirano (2003), aquilo que encontramos em um ritual



Figura 2- Filó do Jacarezinho – organização dos alimentos.

---

1 Utilizamos aqui o termo *comunidade* a partir da nomeação nativa.

– e aqui entendemos a festa como um ritual – está também presente no dia-a-dia e vice-versa, já que no ritual expandem-se e ressaltam-se as representações e valores de uma sociedade, presentes em seu cotidiano em manifestações muitas vezes mais sutis.

Rituais festivos apresentam-se, nas palavras de Perez (2002), como bons para pensar: pensar os fundamentos dos vínculos coletivos, o que faz a sociedade. Eles têm dinâmicas próprias, constituindo-se como atos coletivos “extraordinários”, “extra-temporais” e “extra-lógicos”, espaços em que interligam-se elementos do comer, beber, partilhar e alegrar-se. Nesse sentido, neles se realizam consumação, dispêndio, sacrifício, troca-dom, reciprocidade, ou seja, o ato mesmo de produção da vida (Perez, 2002). Para essa autora, a festa é o tempo-espaço do excesso, em que rompe-se a temporalidade linear, a lógica da utilidade e do cálculo, opondo-se ao ritmo regular e rotineiro da vida, doando-se ao dispêndio, à exacerbação.

Compreende-se, assim, que as transformações mais amplas dos significados dos espaços e dos modos de vida rurais podem também ser observadas através desses rituais, que, reelaborados, evidenciam adaptações a espaços e tempos distintos daqueles em que foram gestados e, neste aspecto, corrobora-se com Douglas (1966), que explica que os rituais animam a memória e ligam o presente com o passado.

Para o desenvolvimento destas reflexões, toma-se como inspiração, entre outros, o estudo realizado por Champagne (1977) – anteriormente mencionado –, em que o autor analisa as transformações ocorridas, em contexto francês, nos valores e modos de vida camponeses no que concerne às práticas “tradicionalistas” e àquelas importadas do “exterior”. O autor citado toma como objeto de estudo as festas camponesas locais, entendendo que elas exprimem sua unidade e integração, bem como as mudanças que as afetam.

Aqui cabe fazer menção à interessante diferenciação estabelecida por Champagne, a partir de observações realizadas em comunidade rural francesa, no que diz respeito às festas. O autor aponta um processo de mudança nas festas, que traduz as mudanças mais amplas nos modos de vida das famílias rurais. Essas mudanças estariam relacionadas à questão de quem organiza e “para quem” é realizada a festa. Teríamos, assim, a festa antiga (*da* aldeia) e a festa à antiga ou *na* aldeia.

As festas *na* comunidade, segundo a classificação de Champagne (1977), são aquelas em que é reconstruída uma tradição local, para um público externo ver, num movimento recente (a partir dos anos 1970) de revalorização do rural pela sociedade englobante. O público presente nessas festas é constituído principalmente de estrangeiros e jovens locais, sendo que os moradores locais mais velhos não participam. Já nas festas *da* comunidade, como observou o autor, a presença da família, de conjunto, é muito importante e é a comunidade que organiza a festa, para si.

Vale ainda mencionar que as festas apresentam-se como um modo privilegiado de

organização em torno do princípio da reciprocidade, como proposto por Mauss (1950). Para esse autor, este princípio vai para além da troca, referindo-se ao ritual da troca como mais importante que as coisas trocadas em si, já que não são trocadas apenas coisas economicamente úteis, mas antes de tudo gentilezas, banquetes, ritos, danças e festas. A reciprocidade está alicerçada no movimento de dar, receber e retribuir, constituindo laços sociais; é assentada na obrigação e associada à liberdade de retribuir. É assim que observamos nas comunidades pesquisadas como as festas comunitárias alimentam laços de sociabilidade entre os membros da própria comunidade e desses com os de outras comunidades próximas, a quem são oferecidos convites de participação nas festas, abundância de comidas, danças, alegrias, que serão novamente retribuídas.

Entendemos, finalmente, que as festas podem ser reconhecidas como “fato social total” (Mauss, 1950), na medida em que integram, em um “todo”, as dimensões familiares, técnicas, sociais, culturais, econômicas, jurídicas, estéticas, religiosas, entre outras, que passam a compor o sistema em sua totalidade. Assim, podemos apreender, com Tedesco e Rosseto (2007, p.19), a festa

como momento de situações profanas e sagradas, relacionais e grupais; em última instância, comunitárias; é o passado, ou algo do passado cotidiano e tradicional que busca manter e atualizar significações, expressar relações simbólicas, formatos societários, hierarquias, posições sociais, performance de grupos étnicos nacionais que buscam fortalecer um sentimento próprio de si mesmos, porém em correlação.

Isso posto, entendemos que a festa também define identidades, construídas na inter-relação entre o tradicional e moderno. As festas traduzem simultaneamente momentos que se opõem e se complementam: religiosos e profanos, trabalho e lazer, gênero e geração, entre outros. Tendo em conta essa diversidade de sociabilidades que se expressam nas festas, procuramos apreender, junto às comunidades rurais estudadas, interlocutoras das pesquisas aqui referenciadas, como as festas são realizadas e significadas, ou ressignificadas, tendo presente o contexto, antes comentado, de valorização do rural. Do mesmo modo, buscamos apreender os significados atribuídos à festa pelos participantes de *fora* (cidadinos).

### **Festas rurais: organizando, participando e (res) significando**

Buscando refletir, a partir das festas, sobre a questão do rural revalorizado, remetemo-nos a trabalhos etnográficos realizados por nós anteriormente, quando foram observadas festas no município de Maquiné – no litoral norte gaúcho (Ramos, 2007) –, em Fazenda Lohmann (Menasche, 2007 e Wedig, 2009) e em Jacarezinho (Menasche, 2007) – na região do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. No primeiro contexto mencionado, tomamos como emblemáticas a Festa da Polenta e do Vinho (festa idealizada pela administração municipal) e a Festa de São José (festa da comunidade, em referência ao santo padroeiro). Já em Fazenda Lohmann, nos debruçamos, de modo

mais difuso, sobre o calendário de festas, enquanto que em Jacarezinho dirigimos o olhar para a festa em alusão à migração dos ascendentes italianos.

Em Maquiné<sup>2</sup>, as festas de santos padroeiros, revelam, por exemplo, uma modalidade de mutirão que permanece viva, evidenciando a organização da comunidade, que anualmente organiza a missa e baile, decora o salão e a igreja e prepara com capricho a refeição da festa. A respeito da refeição festiva, vale remetermo-nos a Da Matta (1987), que afirma que é a qualidade da comida, servida com capricho e de maneira farta, que exprimirá a consideração para com os convidados (humanos e divinos). A comida é, ainda segundo esse autor, um elemento que congrega, na medida em que a festa enseja o comer e o beber, apresentando-se, desse modo, o caráter socializante da comida.

Nas festas de padroeiros – em que o público presente é normalmente a própria comunidade, pessoas que costumam vir de localidades próximas, assim como parentes que já não moram mais ali, mas que fazem questão de comparecer – observamos a manutenção dos laços familiares e comunitários. A festa de São José, por exemplo, não depende de estímulos ou apoios externos à comunidade para ser bem sucedida. A arrecadação da festa é utilizada para a manutenção da igreja e do salão da comunidade.

As festas que ocorrem na localidade de Fazenda Lohmann se aproximam muito, em sua forma de organização, das festas de padroeiro como a realizada na comunidade rural que, em Maquiné, tem São José por santo protetor. A maioria das festas que ocorrem na comunidade são celebrações coletivas. Essas festas – excetuando-se, eventualmente, alguma promovida pela Prefeitura Municipal (como a Festa do Suíno, realizada a cada ano em uma diferente localidade rural da região) – são essencialmente locais, isto é, reúnem principalmente as pessoas residentes na localidade e os parentes que vêm de *fora*.

Em Fazenda Lohmann, as festas realizadas na localidade são festas *da* comunidade, organizadas pelos membros da comunidade, para si. A característica familiar dessas festas pode ser percebida durante os festejos: nos comentários, os convivas são identificados como *parentes* ou



Figura 3 – Festa de Kerb em Fazenda Lohmann

---

2 A programação das festas dos santos padroeiros em Maquiné ocorre em um final de semana. No sábado, há uma missa no final da tarde, depois um jantar (comumente um galeto) seguido de baile noturno. No domingo, a missa acontece no meio da manhã e todos logo partem da igreja para o salão, a fim de garantir seu espeto de carne e um lugar nas grandes mesas para sentar e comer com suas famílias e amigos. A comida servida no domingo normalmente consiste em churrasco, saladas (maionese de batatas e verduras cozidas – como couve-flor, brócolis e beterraba), aipim cozido com molho de carne e sobremesas – sagu, pudim de leite, torta. Além disso, há também para vender doces feitos no forno de barro – cucas, pães, bolachas, broas, rosquetes.

*conhecidos* de alguém que pertence à comunidade. As festas ali são organizadas por diretorias locais, para e pela comunidade, bem diferente das festas acessadas pelos jovens nas cidades e que são organizadas por profissionais de festa. As festas comunitárias, em ambos os contextos, envolvem períodos de preparação anteriores (dias ou semanas), em que os membros das diretorias da comunidade reúnem-se – desse processo fazem também parte os cônjuges e muitas vezes as (os) filhas (os). A participação na preparação da festa não é uma atividade remunerada, todos trabalham gratuitamente pela comunidade. Tomar parte nessa organização está associado a honra e prestígio.

Tanto a festa do padroeiro, em Maquiné, como as festas de Fazenda Lohmann (Kerb<sup>3</sup>, Ação de Graças<sup>4</sup>, entre outras), podem ser percebidas, de acordo com a classificação de Champagne (1977), como festas *da* comunidade, realizadas “entre si”, ou seja, organizadas pela comunidade e marcadas por um caráter familiar e parental.

Já a Festa da Polenta e do Vinho, em Maquiné, é realizada com grande investimento da Prefeitura Municipal e outros patrocinadores. Essa festa tem como objetivo divulgar o município, comercializar produtos locais e gerar renda para os organizadores. A visitação de pessoas “de fora” do município é condição para o sucesso da festa. Como atrativos para turistas e visitantes, observam-se situações e cenas que remetem ao “contexto colonial” são construídas na época da festa, como é o caso do museu, montado a partir de peças de mobiliário, roupas, utensílios domésticos e ferramentas de trabalho usadas pelas famílias de imigrantes italianos que ocuparam a região no passado; ou a polenta, que é preparada em fogões a lenha, especialmente montados pela prefeitura, e distribuída gratuitamente para os visitantes, com ar de comida de festa.

A Festa da Polenta apresenta, para seus visitantes, a imagem de um rural marcado por tradições familiares e agrícolas. Tradições que, muitas vezes, já não são mais vividas cotidianamente – e tampouco desejadas – por parcela significativa dos moradores locais.

Caso emblemático, nesse sentido, é o da ressignificação da polenta, que para os colonos italianos, ainda na Itália ou nos primeiros anos de chegada no Brasil, foi a comida que, nos períodos de escassez, assegurou sua manutenção. Esse alimento está relacionado à memória de



Figura 4 – Filó do Jacarezinho, menção a polenta.

---

3 Ritual religioso e festivo, que acompanhou os colonos migrantes que vieram da Alemanha. Refere-se à comemoração do aniversário da igreja para os evangélicos luteranos ou dia do padroeiro da paróquia para os católicos.

4 Festa na qual os camponeses trazem o melhor da colheita do ano para o altar do templo religioso e oferecem esses alimentos colhidos à Deus como retribuição à boa colheita anual.

escassez e, por isso, muitas vezes não é mais consumido no cotidiano das famílias. Contudo, na Festa da Polenta, em Maquiné, e no Filó do Jacarezinho, em Encantado, a polenta toma um lugar central, na medida em que é consumida como alimento emblemático e tradicional, referente à italianidade. Nessas festas, as tradições italianas também são revividas na celebração religiosa, nos cantos, vestimentas e objetos, que remetem a um passado de migração e ocupação do território.

A Festa do Santo Padroeiro, em Maquiné, e as festas comunitárias de Fazenda Lohmann têm um significado vital e sua permanência por si demonstra a continuidade de identidades e tradições vivas no cotidiano das famílias, que as organizam ou que prezam pela participação nelas.



Figura 5 - Festa do Santo Padroeiro em Maquiné

O mesmo não pode ser dito sobre a Festa da Polenta e do Vinho, muito mais construída e voltada para um público de fora, representando um rural que se imagina ser aquele desejado pelos prováveis visitantes – um “rural idealizado” – capaz de oferecer paisagens, produtos e tradições autênticas, puras, naturais.

Neste movimento de valorização do rural, conforme Menasche (2009) poderíamos reconhecer que, ao serem ressignificadas positivamente práticas e identidades que até recentemente haviam sido estigmatizadas, consumidores urbanos estariam contribuindo para a valorização e ressignificação das tradições, identidades e práticas dos moradores do campo.

Porém, para os grupos rurais, ao mesmo tempo em que percebem a valorização de seus modos de vida e que passam a valorizá-los mais explicitamente, isso se dá ao mesmo tempo em que também são valorizados elementos associados à modernidade. Isso pode ser observado em suas refeições cotidianas, em que estão presentes, lado a lado, alimentos industrializados e aqueles produzidos em casa, do mesmo modo que ocorrem suas práticas agrícolas, em que coexistem modos de fazer antigos e tecnologias modernas. Esses elementos modernos têm sido reconhecidos, pelas famílias rurais, como mais práticos e facilitadores do trabalho.

Também os jovens rurais têm buscado cada vez mais acessar a cultura urbana, adotando práticas desses grupos e habitando ou circulando pelos centros urbanos.

Frente a esses movimentos, de idealizações diferenciadas, entre citadinos e agricultores, percebe-se que novos significados são atribuídos ao urbano e ao rural, ocorrendo uma circularidade entre as fronteiras desses dois mundos, e onde estas fronteiras estão cada vez mais diluídas.

## Referências

- CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v.11, p.53-75, out.1998.
- CHAMPAGNE, Patrick. La fête au village. **Actes de La Recherche**, Paris, v. 17, n. 18, p.73-84, 1977.
- CRISTÓVÃO, Artur. Mundo Rural: entre as representações (dos urbanos) e os benefícios reais (para os rurais). In: RIEDL, M.; ALMEIDA, J.A.; BARBOSA, A.L. **Turismo Rural: tendências e sustentabilidade**. Santa Cruz do Sul: Ed. UNISC, 2002.
- DA MATTA, Roberto. Sobre o simbolismo da comida no Brasil. **O Correio da Unesco**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 7, p.22-23, 1987.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976 [1966].
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca das sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003 [1950].
- MENASCHE, Renata. Riscos à mesa: alimentos transgênicos no meu prato não?. **Campos: Revista de Antropologia Social**, Curitiba, v. 5, n. 1, p.111-129, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Percepções do rural à mesa: campo e cidade, comida e imaginário**. Mimio. Simpósio “Alimentación y transformaciones de las identidades en América Latina. Perspectivas antropológicas”, no 53º Congresso Internacional de Americanistas, México, 2009.
- MENASCHE, Renata (Org.). **A agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.
- PEIRANO, Mariza. **Rituais: ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- PEREZ, Lea Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro. **A festa na vida**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- RAMOS, Mariana Oliveira. **A “comida da roça” ontem e hoje: um estudo etnográfico dos saberes e práticas alimentares de agricultores de Maquiné (RS)**. 2007. 172f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- TEDESCO, João Carlos; ROSSETO, Valter. **Festas e saberes: artesanatos, genealogias e memória imaterial na região colonial do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Méritos, 2007.
- WEDIG, Josiane Carine. **Agricultoras e agricultores à mesa: um estudo sobre campesinato e gênero a partir da antropologia da alimentação**. 2009. 165 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.